

EDITORIAL

O CiFEFiL tem o prazer de apresentar-lhe este número 92, da Revista *Philologus*, do segundo semestre de 2025, em sua versão eletrônica. Em cento e oitenta e uma páginas, com quinze artigos e uma resenha crítica, este número, que corresponde aos meses de julho a dezembro, teve colaborações dos seguintes autores, por ordem alfabética: Adelino Tchendohamba Tchimbingo (p. 131-41 e p. 203-17), Bárbara Luzia Alves Santos (p. 92-110), Claudio Lima Monteiro (p. 256-9), Crisóstomo Lima do Nascimento (p. 175-84), Deborah Gomes de Paula (p. 234-48), Gabrielly Pereira Barbosa da Silva (p. 142-58), Iara Cardoso de Sá (p. 58-73), Isabella Tavares Sozza Moraes (p. 50-7), João Paulo da Silva Nascimento (p. 142-58), José Henrique Pérez-Rodríguez (p. 11-30), José Mario Botelho (p. 74-91), Juan Rodrigues da Cunha (p. 218-33 e p. 249-55), Lucirene da Silva Carvalho (p. 58-73), Marcela Pessoa Marques Ramalho (p. 27-49), Milton Gabriel Junior (p. 234-48), Nilson Roberto de Novaes Alves (p. 159-74), Regina Maria Gonçalves Mendes (p. 14-26), Rosana Ferreira Alves (p. 92-110 e p. 159-74), Suziane Silva (p. 185-202), Tamara Cecília Rangel Gomes (p. 175-84), Uílio Batista Santos (p. 159-74).

No primeiro artigo, de autoria de Regina Maria Gonçalves Mendes, destaca a trajetória intelectual de Ângela Vaz Leão, evidenciando seu compromisso com a linguagem, a literatura e a formação ética dos estudantes. Com atuação consolidada em Belo Horizonte, destacou-se por uma pedagogia marcada pelo afeto, rigor e mediação crítica do conhecimento. Sua produção acadêmica articula o medieval e o contemporâneo, aproximando textos antigos de vozes atuais, enquanto sua atuação como tradutora e organizadora de obras coletivas estabelece pontes entre culturas e tempos, valorizando especialmente os discursos afro-lusófonos.

No segundo artigo, Marcela Pessoa Marques Ramalho discute a relevância da literatura infantil no desenvolvimento do protagonismo das crianças, concebidas como sujeitos ativos e capazes de transformar seu próprio mundo. Rompendo com a visão tradicional que as considerava apenas receptoras de conhecimento, o estudo, ancorado na sociologia da infância, valoriza a criança como autora de sua história. A pesquisa foi realizada no Centro Municipal de Educação Infantil Monsenhor Luiz Barbosa, com o grupo Maternal II B (3 a 4 anos), por meio de experiências de leitura e dramatização desenvolvidas durante o estágio. Fotografias e registros escritos permitiram analisar momentos lúdicos em que as

crianças atuaram como protagonistas, explorando o imaginário da literatura infantil e consolidando seu papel ativo na construção de sentido e na vivência de experiências criativas.

No terceiro artigo, Isabella Tavares Sozza propõe um diálogo transatlântico entre a poesia de Cecília Meireles e Eugenio Montale, analisando a saudade e a nostalgia como lugares do desejo. A partir da leitura crítica de obras como “Mar absoluto” e “Retrato natural” (Meireles) e “Ossi di Seppia” e “Le occasioni” (Montale), evidencia-se como ambos os poetas transformam a experiência da falta em uma topografia poética que articula tempo, espaço e identidade. Sustentado por autores como Agamben, Kristeva e Bosi, o estudo revela convergências e diferenças na maneira como esses afetos estruturam a subjetividade e a percepção do mundo, oferecendo novas perspectivas para a compreensão da poesia moderna.

No quarto artigo, Iara Cardoso de Sá e Lucirene da Silva Carvalho apresentam o estudo sobre a influência do conhecimento da sílaba na escrita de alunos do 8º ano de uma escola da Educação do Campo, enfocando os processos de hipossegmentação, caracterizados pelo uso não convencional de fronteiras gráficas nas palavras. Com base em autores como Seara, Nunes e Volcão, Tenani, Câmara Jr., Bisol, Zorzi e Cunha, a pesquisa adota abordagem teórico-descritiva, articulando análises quantitativas e qualitativas para identificar e compreender as hipóteses segmentadoras dos estudantes. Os resultados evidenciam a frequência de hipossegmentações e apontam a retextualização, conforme Marcuschi, como estratégia eficaz para promover a apropriação das convenções gráficas, contribuindo para o desenvolvimento da competência escrita na língua materna.

José Mario Botelho, no quinto artigo, destaca como as línguas românicas nasceram em meio a profundas transformações históricas após a queda do Império Romano, lembrando-nos de que nenhuma língua se constrói isolada de seu tempo. O autor mostra que, entre os séculos V e IX, a península Ibérica tornou-se palco de encontros, tensões e reorganizações políticas: reinos germânicos se formaram, o latim vulgar se fragmentou em múltiplos romances, povos árabes deixaram marcas decisivas e a reconquista cristã redesenhou fronteiras culturais. Ao reunir esses fatores extralinguísticos, o texto evidencia que as línguas românicas não são resultado apenas de processos internos, mas de movimentos sociais, migrações, dominações e resistências que moldaram a paisagem lingüística.

tica europeia. Trata-se de um lembrete contundente de que toda língua é, antes de tudo, uma criação histórica em permanente transformação.

Em seguida, Rosana Ferreira Alves e Bárbara Luzia Alves Santos apresentam como as questões de gramática do ENEM, ao longo de quase uma década, refletem um cenário educacional em transformação. A análise mostra que o exame tem se afastado gradualmente de uma gramática estritamente normativa para adotar uma perspectiva mais funcional, ancorada no uso real da língua e em textos autênticos. Ainda assim, persistem traços da tradição formalista, evidenciando um campo de tensão entre duas visões de língua: a que privilegia a norma-padrão e a que reconhece a diversidade e a construção de sentidos no contexto. Ao mapear esses contrastes, o texto destaca a urgência de uma formação docente capaz de dialogar criticamente com diferentes correntes linguísticas, especialmente diante do papel que avaliações como o ENEM exercem na configuração das práticas escolares. Trata-se de uma reflexão que ilumina debates contemporâneos sobre ensino, avaliação e concepções de língua no Brasil.

No sétimo artigo, José Henrique Pérez-Rodríguez trata sobre o papel decisivo da tradução na vitalização da língua da Galiza, marcada historicamente por processos de minorização e por uma fragmentação normativa que desafia sua plena afirmação. A partir de uma abordagem sociolinguística e glotopolítica, o estudo mostra como a tradução se torna ferramenta de resistência e reconstrução simbólica em um contexto de forte diglossia com o castelhano. Ao destacar a condição minorizada do galego, sua polielaboração normativa e sua profunda proximidade com o português, o artigo evidencia que o tradutor galego não apenas verte textos, mas atua como agente de renovação cultural e de reintegração histórica. Assim, a tradução surge não como gesto técnico, mas como ação política capaz de fortalecer o patrimônio galego-português e devolver voz a uma tradição linguística que persiste em se recompor.

Em seguida, no oitavo artigo, Adelino Tchendohamba Tchimbino aborda sobre a urgência de repensar o lugar da língua umbundu no contexto escolar angolano, onde as línguas nacionais ainda enfrentam processos contínuos de desvalorização. A pesquisa realizada em um colégio do município do Caimbambo revela que, apesar dos desafios, professores reconhecem o umbundu como patrimônio cultural e instrumento essencial de comunicação e identidade. A partir de entrevistas, observações e relatos do cotidiano escolar, o texto destaca estratégias defendidas pelos educadores para fortalecer o ensino da língua: sua presença em to-

dos os níveis de escolarização, o uso pedagógico de materiais culturais já existentes, a incorporação de provérbios e contos tradicionais e a promoção de ações formativas sobre sua importância. Em perspectiva editorial, o artigo aponta para um debate maior: preservar uma língua é preservar uma memória coletiva e a escola desempenha papel central nesse compromisso.

O nono artigo, de autoria de Gabryelli Pereira Barbosa da Silva e João Paulo da Silva Nascimento, destaca-se a força política e pedagógica do slam surdo, mostrando como essa prática poética visual se torna espaço de resistência, afirmação identitária e letramento crítico para a comunidade surda. Ao questionar modelos educacionais ainda centrados na cultura ouvinte, o estudo evidencia que a *performance* em Libras amplia possibilidades de expressão subjetiva e confronta estruturas capacitistas. A análise da obra “O Mudinho”, do slammer Edinho Santos, reforça como o corpo, o gesto e a poesia se articulam para tornar visíveis as interseccionalidades que atravessam a experiência surda. Ao discutir o movimento de slam surdo no Brasil, os discursos que moldam o sujeito surdo e a potência dessa arte na educação bilíngue, o texto nos lembra que novas pedagogias surgem quando novas vozes – e novas línguas – são legitimadas no espaço escolar.

Nilson Roberto de Novaes Alves, Rosana Ferreira Alves e Uílio Batista Santos apresentam, no décimo artigo, uma reflexão essencial sobre a Lei nº 15.100/2025 e seus impactos na integração pedagógica das tecnologias digitais em sala de aula. Ao analisar documentos orientadores da educação brasileira e dialogar com referenciais da Linguística Aplicada e dos multiletramentos, o estudo evidencia que a mera presença de dispositivos tecnológicos não garante inovação: é a mediação docente, fundamentada teoricamente, que transforma tecnologia em aprendizagem significativa. O trabalho destaca a necessidade de compreender a lei não como imposição técnica, mas como oportunidade para repensar metodologias, práticas de letramento e políticas educacionais em sintonia com as exigências do mundo contemporâneo. Assim, o artigo amplia o debate sobre como formar professores e estudantes para um uso crítico, criativo e ético das tecnologias no cotidiano escolar.

A seguir, no décimo primeiro artigo, Tamara Cecília Rangel Gomes e Crisóstomo Lima do Nascimento apresentam os conceitos de Michel Foucault para compreender como poder e resistência se articulam nas dinâmicas sociais contemporâneas. A partir de uma análise bibliográfica do pensamento foucaultiano, o estudo destaca que, em um cenário

marcado pela ascensão de discursos autoritários e pela capilarização cada vez mais sutil das formas de controle, a resistência não se limita a grandes rupturas históricas: ela se manifesta nas práticas do cotidiano, nas contracondutas que desafiam normas e expectativas. Ao discutir a constituição da subjetividade sob essa ótica, o texto evidencia a atualidade e a força metodológica de Foucault para interpretar os modos pelos quais indivíduos e coletividades enfrentam dispositivos de poder. Trata-se de uma reflexão necessária para compreender os tensionamentos políticos que atravessam a sociedade de hoje.

No décimo segundo artigo, Suziane Silva reflete sobre a urgência de recolocar a história e a variação linguística no centro do ensino de Língua Portuguesa. Ao articular contribuições da Sociolinguística Variacionista, histórica e educacional, o estudo evidencia que a língua é um sistema em constante transformação e que ignorar essa dimensão histórica contribui para práticas escolares excludentes e para a desvalorização dos repertórios linguísticos dos estudantes. Mais do que uma defesa teórica, o artigo propõe uma mudança de postura: cabe à escola mediar, de forma crítica, o diálogo entre norma e uso, reconhecendo a diversidade como parte constitutiva da língua. Assim, o texto aponta caminhos para uma educação linguística mais justa, capaz de superar a rigidez normativa e de formar sujeitos que compreendam a língua como fenômeno social, vivo e plural.

Adelino Tchendohamba Tchimbingo apresenta, no décimo terceiro artigo, um olhar incisivo sobre o preconceito linguístico que atravessa o ensino e a aprendizagem da língua umbundu em um colégio de Caimbambo, na província de Benguela. Mais do que um problema individual, o texto evidencia como esse preconceito é produzido socialmente, alimentado por hierarquias que privilegiam línguas coloniais e globais em detrimento das línguas nacionais. A pesquisa identifica os fatores que sustentam tais desigualdades, presentes entre alunos, famílias e docentes, e aponta a urgência de estratégias que devolvam ao umbundu seu lugar legítimo como símbolo de identidade cultural e soberania linguística. Ao defender a valorização das línguas autóctones como fundamento democrático, o artigo convoca a escola e a comunidade a repensarem práticas e políticas que perpetuam apagamentos históricos, reforçando a necessidade de ampliar o ensino e o reconhecimento das línguas regionais em Angola.

No décimo quarto artigo, Juan Rodrigues da Cunha convida o leitor a revisitar a obra atribuída a Gregório de Matos por meio da análise

de um epílogo marcado pela acidez crítica típica do poeta barroco. Ao investigar contexto histórico, escolhas lexicais, estrutura métrica e aspectos ortográficos, o estudo ilumina as múltiplas camadas que constituem esse texto polêmico, cuja autoria permanece envolta em debates. Mais do que uma leitura técnica, o trabalho recupera a força satírica com que Gregório retratou o Brasil colonial, expondo desigualdades, vícios sociais e tensões políticas que atravessavam a Salvador de seu tempo. O resultado é um convite a reconhecer, na literatura, um poderoso instrumento de crítica social e de compreensão histórica.

O décimo quinto e último artigo, dos autores Deborah Gomes de Paula e Milton Gabriel Junior, apresenta a trajetória acadêmica e pessoal da Prof^a Regina Célia Pagliuchi da Silveira, destacando sua dedicação ao ensino, à pesquisa e à extensão no campo da Língua Portuguesa. Ao longo de décadas, desde 1974, ela construiu uma prática pedagógica marcada pela proximidade com seus orientandos e pela formação colaborativa de pesquisadores, consolidando um legado de influência duradoura. Autora de mais de cinquenta obras, sua atuação reflete não apenas a produção intelectual, mas também o impacto vivo de suas orientações em dissertações, teses e no fortalecimento da comunidade acadêmica, evidenciando uma visão profunda e integradora da linguística aplicada.

Depois desses quinze artigos, seguem uma resenha de Juan Rodrigues da Cunha sobre a obra *Introdução à Linguística Africana*, organizado pela Prof^a Margarida Petter, e uma resenha de Claudio Lima Monteiro sobre o filme britânico de 1986 “A missão”, que foi dirigido por Roland Joffé.

Concluindo, o CiFEFiL agradece pelas críticas que nos puder enviar sobre este número da Revista *Philologus*, visto que pretende produzir um periódico cada vez melhor e mais interessante para o aperfeiçoamento da interação acadêmica dos profissionais de Linguística e Letras.

Aproveitamos para agradecer aos colegas que nos têm apoiado e que vêm contribuindo com seus artigos e resenhas, avaliações e pareceres, assim como vêm indicando nosso periódico aos seus orientandos.

Lembramos que a nossa Revista *Philologus* ainda corre o risco de encerrar as suas atividades devido ao pequeno número de submissões recebidas, após a injusta avaliação da Capes, que nos desqualificou na última Avaliação (Extrato C). Contudo, continuamos procurando elevar a qualidade das nossas publicações. Por isso, esta RPh 92, que teria sido publicada em agosto ao final do segundo trimestre do corrente ano, está

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

sendo publicada neste mês de dezembro ao finalizar o segundo semestre de 2025, porquanto esta RPh passa a ser um periódico semestral.

Tristemente, informamos que o Dossiê “Biografia das Letras: Abordagens simples e complexas conectando vidas, obras, consciências com a vida dedicada às Letras”, que estava sob a Coordenação do Prof. Dr. Cláudio Costa Lima Monteiro (UNILA), da Prof^a Dr^a Francisca Paula Soares Lima Monteiro e do Prof. Dr. Mario Botelho, não recebeu nenhuma submissão, e foi cancelado. Para o próximo número da RPh anunciaremos um novo Dossiê.

Lembramos, ainda, que continuamos com “Chamadas de fluxo contínuo” e com a política de oportunizar aos estudantes e pesquisadores em geral o espaço para publicarem seus trabalhos de tema livre, sendo que, no caso de alunos de graduação, só podem ser aceitos os artigos assinados conjuntamente pelos respectivos orientadores.

Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 2025.

Editor-Chefe da Revista *Philologus*